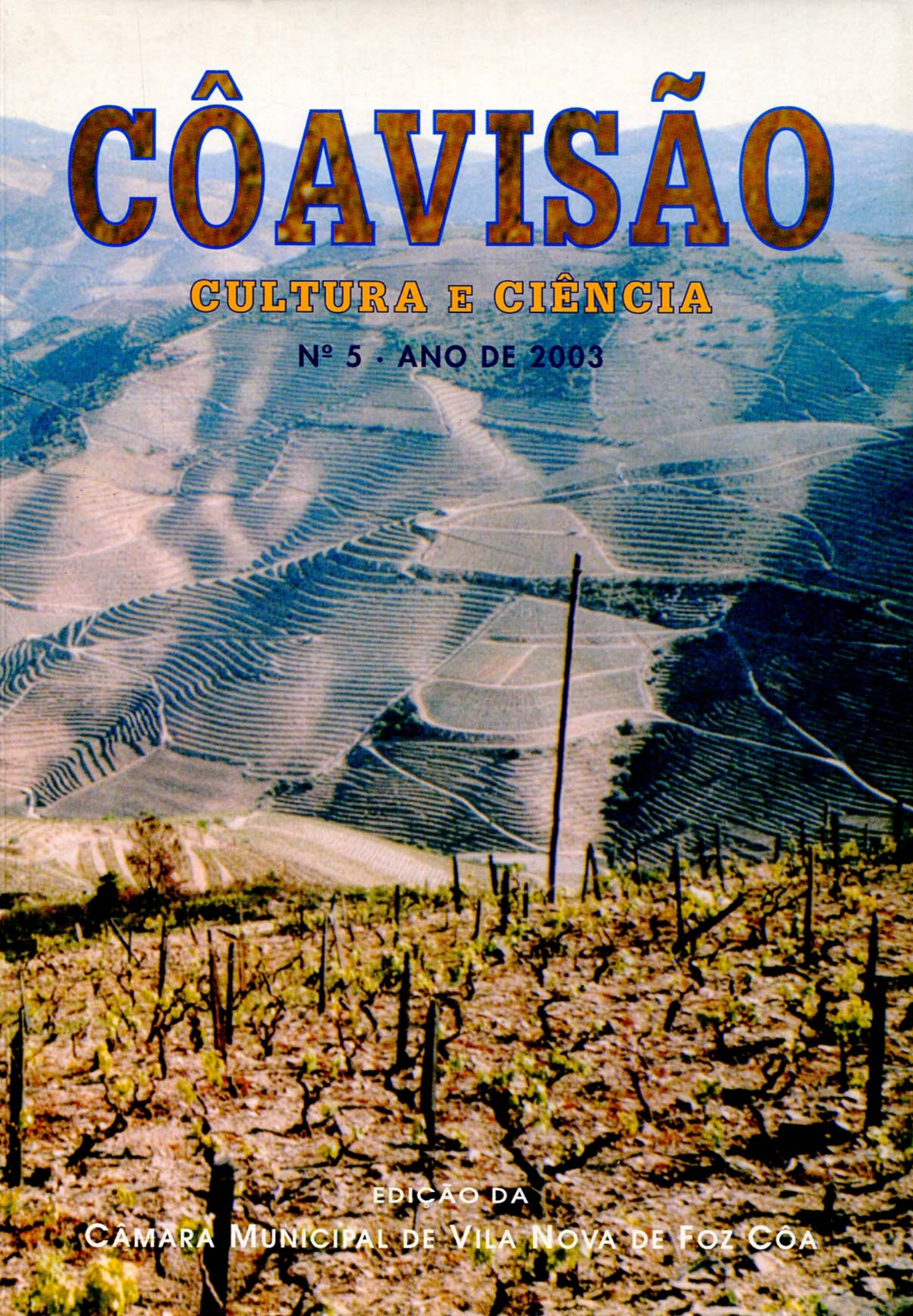


CÔA VISAÃO

An aerial photograph of a valley with terraced vineyards. The terraces are arranged in a grid-like pattern, following the contours of the hills. The foreground shows a closer view of the vineyard, with rows of grapevines and wooden stakes. The background shows more terraced hills under a clear sky.

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 5 · ANO DE 2003

EDIÇÃO DA
CAMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Campanha de escavações arqueológicas do ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)

VÍTOR OLIVEIRA JORGE *, JOÃO MURALHA CARDOSO **,
LEONOR SOUSA PEREIRA ***, ANTÓNIO SÁ COIXÃO ****

Em memória do
Doutor Fernán Alonso Mathías,
especialista de datação pelo Carbono 14,
que, à frente do Laboratório de Madrid (CSIC),
nos prestou sempre uma colaboração amigável, tecnicamente
competente, e graciosa, facultando até o contacto
com outros laboratórios, e tendo contribuído, de forma extremamente
decisiva, para o enquadramento cronológico da pré-história
do Norte de Portugal, entre os finais dos anos 70 do séc. XX
e os inícios do séc. XXI, uma época histórica de construção
de uma primeira fase verdadeiramente científica
deste campo de estudos, nesta região da Península.
Foi, nomeadamente, co-coordenador da Sessão 5
– Arqueometria – do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular
(Vila Real, 1999), e do vol. IX das respectivas Actas, intitulado
“Contributos das Ciências e das Tecnologias
para a Arqueologia da Península Ibérica”
(Porto, ADECAP, 2000, pp. 113-285)

* DCTP – FLUP.

** Bolseiro FCT.

*** iPA – Vila do Conde.

**** ACDR – Freixo de Numão.

1. LOCALIZAÇÃO DA ESTAÇÃO E SUA CARACTERIZAÇÃO GERAL

Lugar – Castanheiro do Vento
Freguesia – Horta do Douro
Concelho – Vila Nova de Foz Côa
Distrito – Guarda.

Coordenadas geográficas de um ponto central da estação seg. a “Carta Militar de Portugal” na esc. de 1:25000 (folha 140):

41° 3' 49" Lat. N.
7° 19' 18" Long. W. Gr.

Como dissemos em trabalhos anteriores, a estação localiza-se no alto de um morro de planta sub-circular, situado à altitude absoluta de c. de 730 m., e convencionalmente delimitável, na base, pela curva de nível de 680 m.

No alto, que se pode circunscrever pela curva de nível de 720 metros, situa-se um marco geodésico, a sul (alt.: 723 m.), numa área que se encontra lavrada. A norte, o local apresenta uma zona ligeiramente mais elevada, coberta de vegetação arbustiva, aplanada, na qual se verifica a presença de diversos amontoados de pedras, acumulados por agricultores, pedras essas que tudo indica provirem de estruturas pré-históricas mais ou menos desmontadas. Um aspecto fundamental de tais estruturas é a existência de um mais que provável recinto, delimitado por uma “muralha”, e com “bastiões” exteriores anexos (“bastiões” A, B, C e E, já exumados), tal como nos permitem deduzir as cinco campanhas de escavações já realizadas (entre 1998 e 2002, num total apenas de c. de 60 dias úteis).

Estamos perante um sítio do tipo “recinto monumental”, com plataformas também monumentalizadas (neste caso, viradas à ribeira da Teja, afluente do Douro), como acontece no Castelo Velho de Freixo de Numão.

O local data do Calcolítico e, também, da primeira parte da Idade do Bronze (cronologia provável – entre 2800 e 1400 a. C.). Esta “segunda” época de ocupação “a priori” não implica qualquer descontinuidade com a anterior; é uma mera convenção cronológica.

De notar que um fragmento de peça em electro encontrado “in situ” em 2001 (camada 2 – “estrutura de combustão 1”) aponta para o Bronze Final, ou mesmo para fase mais tardia (Idade do Ferro) pelo que se começa a configurar a hipótese da estação ter tido uma mais ampla diacronia.

De facto, várias datas de C14 tardias, que caem claramente na Idade do Ferro, também advogam nesse sentido, e estão relacionadas com uma “estrutura de combustão” “encostada” ao “bastião” B, e manifestamente posterior em relação a ele. Torna-se possível visionar as “estruturas de combustão” que parecem existir no interior do recinto, perto do muro que o circunscreve (sem que a área escavada nos permita ainda delimitá-las correctamente) como correspondendo a aproveitamentos tardios – proto-históricos? – das ruínas pré-históricas anteriores. Dado já então estas estarem reduzidas a amontoados de pedras, e dada a ausência de materiais – nomeadamente cerâmicos – atribuíveis à Idade do Ferro (se exceptuarmos o fragmento de jóia a que acima aludimos), pode levantar-se a hipótese de se ter tratado de actividades não contínuas, de aproveitamento esporádico (fabrico de carvão?) dos referidos amontoados de pedras, que juncariam o local.

No seu conjunto, Castanheiro do Vento, apesar de truncado pelas lavras (sobretudo para plantio de eucaliptos) é um monumento enorme, relativamente bem conservado na sua parte nuclear, cujas semelhanças genéricas com Castelo Velho de Freixo de Numão, embora a maior escala, são evidentes. Mas também se começa a acentuar uma certa especificidade, o que aliás seria de esperar com o prosseguir dos trabalhos.

2. PESQUISA DE CAMPO EM 2002

2.1. Condições em que se efectuaram os trabalhos

Antes do começo dos trabalhos propriamente ditos, foi feita uma limpeza de mato sumária na área a intervir (com ajuda de máquina apropriada) e quadriculado o terreno pelo topógrafo, para tirar o máximo partido das escassas três semanas de campanha (que se reduzem a 15-16 dias úteis, na prática).

Tais trabalhos efectuaram-se, com a presença de toda a equipa (c. de 30 pessoas em média, essencialmente estudantes universitários portugueses e estrangeiros – nomeadamente espanhóis –, e a finalista de mestrado da FLUP Ana Margarida Vale, cuja dissertação incide sobre aspectos da estação),

entre 15 de Julho e 3 de Agosto (16 dias úteis). Recordamos que um de nós (JMC) prepara uma dissertação de doutoramento sobre o sítio, a apresentar à FLUP.

Colaboraram permanentemente nas escavações duas desenhadoras (Bárbara Carvalho e Marina Évora) e uma licenciada com interesse particular no estudo de restos de fauna (Cláudia Costa). Também estiveram presentes estudantes da FLUP que prepararam o seu relatório final de curso de licenciatura em Arqueologia sobre aspectos específicos da estação, nomeadamente Nelson Borges (“bastião” B) Rui Barbosa (“bastião” C), e Clara Gaspar (“bastião” D). O Dr. Diego Angelucci, do CIPA (IPA) dedicou alguns dias de trabalho à região, incluindo o Castanheiro do Vento.

A estação, durante os trabalhos, foi visitada por diversos colegas, com os quais foi possível debater problemas de investigação, e de conservação e restauro. Refira-se, a título de exemplo, Sérgio Rodrigues (FLUP), Rui Parreira (IPPAR), Joaquim Garcia (encarregado dos trabalhos de conservação e restauro de Castelo Velho), Miguel Lago, Lucy Evangelista e Pedro Braga (Era-Arqueologia), Gonçalo Velho e Alexandra Velho (IPT-Tomar), etc., etc. Os trabalhos foram também visitados por diversos responsáveis da região, incluindo o Sr. Governador Civil da Guarda, o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Foz Côa, e o Sr. Dr. Rui Reininho, vereador da Cultura da mesma autarquia.

Nos últimos dias de escavação teve ainda de se proceder, em simultâneo, à cobertura das áreas exumadas, principalmente das mais sensíveis (as mais frágeis, ou mais importantes, ou ainda incompletamente escavadas, ou nas três situações ao mesmo tempo). Essa cobertura, dada a escassez de meios, foi feita com oleados que nos foram gentilmente oferecidos, e completada com gravilha (granito moído) e pedras.

Trata-se de uma tarefa extremamente penosa para quem ali escava, pois tapa por completo as estruturas, que já poderiam começar a ser imponentes, sobretudo se vistas de helicóptero (no qual pudemos sobrevoar a zona em finais de Setembro, no dia 26). Mas não temos outro remédio para sustentar a destruição do sítio por vandalismo ou por erosão, enquanto não pudermos dispor de meios adequados à operação que ali está em curso, e que diz respeito a uma das mais interessantes estações pré-históricas do seu género, no território português. Naturalmente que se perde muito tempo quando, na campanha do ano seguinte, é preciso voltar a destapar os locais para retomar as decapagens, etc.

Foram também retiradas com máquinas as terras provenientes das escavações, e espalhado herbicida, sobretudo na zona a intervencionar em 2003. Esta última acção repetiu-se em Setembro.

De facto, e posteriormente à escavação, procurámos monitorizar a situação do sítio, nomeadamente em Setembro (enquanto decorria a campanha de trabalhos em Castelo Velho), dirigindo-nos de novo ao local por diversas vezes.

Como se disse, no dia 26 de Setembro, aproveitando um helicóptero fretado pela ACDR, com o apoio do IPPAR, foi possível fazer uma deslocação ao Castanheiro do Vento, com o fim de obter novas fotos aéreas do local e suas imediações, e de também o filmar. Nesta acção (V.O.J. e J.M.C.) fomos acompanhados por um fotógrafo (Danilo Pavone) e por um “cameraman”, ambos profissionais.

Os meios utilizados nesta campanha, para além daqueles que são propriedade dos signatários (veículos, máquinas fotográficas, instalações para depósito temporário dos materiais e seu tratamento, etc.), foram basicamente concedidos pelo Instituto Português de Arqueologia (PNTA), pelas Juntas de Freguesia de Horta do Douro e de Freixo de Numão, e pela ACDR de Freixo de Numão.

Foi possível, ainda durante os trabalhos de campo, ter uma pequena equipa a lavar materiais recolhidos. Agradecemos, neste aspecto como em muitos outros, à nossa colega Ana Leite da Cunha, do IPPAR, toda a colaboração prestada, que se tem revelado extremamente útil. A sua disponibilidade constante tem de ser realçada.

As escavações voltaram a servir este ano como “estação-escola” para vários estudantes da licenciatura em Arqueologia da FLUP.

Alguns elementos da ACDR de Freixo de Numão transportaram diariamente a equipa de voluntários desde a sua base logística em Freixo de Numão; esse transporte foi também assegurado por duas viaturas de “todo o terreno”, uma de um dos signatários, e outra emprestada. Dado que o próprio almoço se realiza em Freixo, estas viagens envolvem para a ACDR a deslocação de duas carrinhas que fazem 80 km/dia (por estrada, o sítio fica a c. de 20 km. de Freixo de Numão).

Continuam a ser estas as condições a que temos de nos submeter para prosseguir o desenvolvimento destas pesquisas, com uma produtividade científica e pedagógica que julgamos evidente.

2.2. Descrição sumária dos trabalhos

As principais acções efectuadas foram:

a) – Limpeza e quadriculagem (por topógrafo) da área a intervencionar, na continuidade do que havia sido feito em 2001, mas ampliando sobretudo para sul a zona antes estudada. Desobstrução (através de “cadeias humanas”, num esforço estenuante de horas seguidas) dessa superfície, e de áreas envolventes, de muitas pedras ali acumuladas.

O local da nossa intervenção, recordamos, fica adjacente a um estradão, e situa-se para oeste deste, na zona nordeste da estação. A área abrangida até hoje estende-se genericamente na direcção NW-SE, ao longo de cerca de 80 metros de comprimento. Procura seguir o contorno do(s) muro(s) ou muralha(s) periférica(s) do reduto, estudando as suas estruturas anexas, sem demasiado aprofundar aqui ou ali (com excepção das estruturas bem delimitadas, como “bastiões”, etc.). É uma escavação, em regra, feita em área, e portanto relativamente pouco profunda.

Ao longo dos muros, nas suas faces internas e externas, procura-se detectar as pedras dispersas que os cobrem, accidental ou intencionalmente (impedindo a respectiva visibilidade, ou seja, a nossa capacidade de “seguirmos” as linhas por onde seguem as paredes). Por vezes, somos obrigados a retirar pequenas “cunhas” (preenchimento de vãos paralelos às linhas de parede) ou lajes de travamento (lajes perpendiculares às mesmas linhas, verticais ou oblíquas, seguidas ou descontínuas) para que essas “linhas de parede” se tornem superficialmente nítidas; mas termina aí a nossa acção, necessariamente um pouco destrutiva, mas essencial para que se consiga descortinar, num caos de blocos soltos pelas raízes, qualquer indício que oriente o nosso trabalho.

Só quem nele participou pode ajuizar quão fatigante e penoso ele é, feito por vezes sob um calor sufocante, outras debaixo de chuva ou de vento violento. Arriscamo-nos mesmo a afirmar que muitos colegas, dispondo dos escassos meios de corte da vegetação ao nosso dispor, já teriam desistido de estudar esta estação, de tal modo é grande a sua “infestação” pelas raízes de carrascos. Lembremo-nos de que trabalhamos apenas com estudantes, pois não dispomos de meios para contratação de pessoal habituado a trabalhos pesados, aliás muito pouco disponível na região, onde, nos tempos que correm, já ninguém se presta a grandes esforços físicos, a não ser pessoas muito motivadas para a arqueologia. Um dos nossos trabalhos mais fatigantes consiste na própria superação psicológica das dificuldades, animando permanentemente – tanto quanto possível – os nossos colaboradores a prosseguir os trabalhos sem descanso, pois o tempo é escasso, anualmente, para tarefa tão ampla quanto aquela que aqui se nos antolha.

b) – Decapagem superficial (mais uma vez muito dificultada pelas raízes dos carrascos, abundantes e profundas) e registo das estruturas visíveis, abarcando já uma superfície total (por acumulação com as de anos anteriores) de c. de 720 m² (c. de 180 unidades de 2m. de lado – indicamos um cômputo geral, apenas para se ter uma medida de grandeza do esforço investido, porque algumas unidades abrangidas ainda não foram completamente decapadas, e outras encontravam-se apenas parcialmente conservadas, uma vez que estavam cortadas pelo estradão).

Tal decapagem permitiu:

- ver e registar em desenho uma maior extensão de muralha (ou muro) periférica (a qual, a partir sobretudo do “bastião” C, inflecte para sul);
- continuar a escavar a área interior do “bastião” C (fotos 3 e 4);
- descobrir e escavar parcialmente a área interna de um novo “bastião”, o D (fotos 17 a 22);
- detectar e escavar parcialmente a área interna de uma entrada monumental voltada a leste (fotos 7, 10 e 11, 19, 23 e 24 e 28) para sul do mesmo “bastião”, ao lado de uma provável “torre” (fotos 5 e 6);
- observar o aparente término da “muralha” a sul, ao encontro de um outro “arco” de parede que, vindo de oeste, parece delimitar um grande espaço “avançado” no extremo sul da área intervencionada, de planta semi-circular, e talvez com um raio de uns 20 m. (?) (foto 29);
- e finalmente, no extremo oposto, na área NW da zona intervencionada, realizar mais algumas observações, decapagens e recolhas; nesta última zona a estrutura e natureza do sítio (“átio” – ? –, rampa pétreia) (foto 27) está ainda insuficientemente definida. Foi aqui recolhida, para protecção e estudo, a laje com gravuras n.º 5 (fotos 25, 26 e 27), composta essencialmente de sulcos fusiformes ou afins, alguns muito finos, lineares, e eventualmente cruzando-se entre si.

Tais foram as principais aquisições, ao nível de estruturas e de algumas outras observações importantes, desta campanha.

Pormenorizando um pouco, pode acrescentar-se que se realizaram as seguintes análises e outras tarefas, daí se deduzindo determinadas conclusões e perspectivas:

- Continuação da escavação da parte interna do “bastião” C, para cujo objectivo se teve de retirar a protecção de gravilha instalada no ano anterior. Trata-se, tal como acontece com outros “bastiões”, de uma estrutura calcolítica muito bem conservada, junto à muralha (ou muro) também calcolítica. Internamente, revela-se complexa, pois apresenta numerosos aspectos que têm de ser registados, quer estruturais (uma laje sub-vertical, de tipo “estela”, fincada na extremidade interna sul, um buraco de poste estruturado junto a ela) quer de outro tipo, como bolsas de terra mais escura, maiores ou menores. Foi conservado um testemunho estratigráfico central, no sentido oeste-este, e foi desenhado, no fim dos trabalhos (que no entanto não chegaram à rocha de base, e portanto não se podem dar por concluídos), o alçado interno, na extremidade sul.

– Delimitação e escavação parcial da área interna do “bastião” D, de planta semi-circular, após desmontagem dos níveis de pedras que superiormente a revestiam, de forma estruturada, como é habitual. Este “bastião” continha, no seu interior – entre muitos outros aspectos – um nicho estruturado, composto com elementos de moinho manual em granito. Na parte interior, o “bastião” apresenta, para oeste, toda uma série de lajes inclinadas dispostas em escama, de significação para já desconhecida, bem como duas lajes fincadas (de tipo “estela”) nas extremidades, uma a norte (não longe da “muralha”) e outra a sul (não longe da possível “torre”).

Todas as recolhas efectuadas neste bastião e no anterior foram alvo de localização tridimensional, e foram peneirados os sedimentos na sua totalidade, o que se revelou produtivo, embora necessariamente moroso.

Acrescente-se, para perfeito esclarecimento do leitor, que utilizamos a palavra “bastião” num sentido puramente convencional, tipológico-formal e não funcional, e portanto não pretendendo com isso induzir qualquer interpretação do sítio como “fortificação”, na linha da arqueologia funcionalista tradicional.

– Delimitação, para sul do “bastião” D, do que parece ser uma “torre” sub-circular (a qual pode ter tido a sua periferia – sobretudo na zona leste –, a determinada altura, parcialmente alterada, por forma a conferir-lhe um carácter mais rectilíneo). O estudo e melhor caracterização desta estrutura será um dos objectivos da campanha de 2003. Do lado oeste (isto é, virado ao interior do recinto), na sua periferia, encontrava-se uma laje com uma face voltada ao exterior, que apresentava o que parecem ser fragmentos de gravuras picotadas. Foi retirada para observação e estudo, e substituída “in loco” por uma laje de dimensão e formato semelhantes (laje n.º 3, fotos 15 e 16).

– Achado de uma passagem monumental para o interior do recinto, para sul da referida “torre”. Achava-se colmatada, e incluía vários níveis de “lajeados”, um dos quais reproduzimos numa das fotos que apresentamos. A decapagem completa do seu interior só se fará no quadro de um futuro estudo em área desta zona da estação.

Esta “porta” encontrava-se estreitada, do lado sul, por um muro de lajes sobrepostas, muito bem estruturado, encastado entre a muralha e o vão da passagem. Do lado oposto, duas lajes contendo faces com gravuras viravam-se ao referido vão: uma (laje n.º 2) tinha uma série de fusiformes predominantemente verticais (ver fotos 7, e 12 a 14)); a outra (laje n.º 4), mais abaixo, apresentava várias “fossetes” pouco profundas (v. foto 24).

Recordamos, a propósito, que já não é a primeira vez que ocorrem “fossetes” nesta estação, presentes numa laje horizontal da “muralha” confinante com a “estrutura de combustão” encostada ao “bastião” B. Uma laje com “fossetes” foi também encontrada no Castelo Velho (campanha de 1994) na primeira plataforma, lado oeste, incluída das estruturas de contrafortagem externa do murete delimitante do recinto superior, não longe do “bastião” com ossos humanos (designado “estrutura ritual” por Susana O. Jorge).

Todo um sistema monumental “fechava” esta passagem de Castanheiro do Vento do lado exterior (lado leste), através de um conjunto de lajes horizontais dispostas em arco, as quais se encostavam, pela parte interna, a um imbricado de pedras extremamente bem elaborado. Tudo isso mostrava que ao fecho da porta se concedeu uma importância semelhante à de qualquer outro aspecto da construção, ou à “condenação” pétrea dos bastiões. Ou seja, abertura e fechamento de “vãos” eram duas actividades igualmente prezadas e cuidadosamente estruturadas, como se fossem simétricas uma da outra, ou como se o momento de “condenação” fosse um acto tão importante como o da erecção de uma estrutura.

Esta última observação é muito importante, pois comprova o carácter altamente simbólico destes monumentos, que estão longe de serem recintos “funcionais” abandonados num certo momento, mas antes representam toda uma sequência de operações significativas, altamente estruturadas e provavelmente ritualizadas, sobre um espaço escolhido. Estamos perante verdadeiros microcosmos cénicos, onde se representa, num cenário fixo, toda uma visão do mundo.

De acrescentar que para sul da entrada, e junto a esta, do seu lado leste (voltado ao exterior do recinto) se encontrava incluída na parede uma laje com face gravada (laje n.º 1, fotos 7, 8 e 9), que foi retirada do local para estudo, e substituída por outra semelhante. Continha dois sulcos, de tipo afim dos fusiformes, produzidos por abrasão, sub-verticais, aparentemente envolvidos por picotados que parecem desenhar uma periferia sub-circular.

– Continuação da exumação da “muralha” para sul, a qual parece descrever, em planta, um ligeiro arco, com c. de 11 m. de extensão; é possível que contenha ao centro desse troço uma nova “entrada”, pois há uma nítida descontinuidade das estruturas, que ainda não foi bem esclarecida, necessitando de um cuidadoso aprofundamento das decapagens.

– Começo do “desbravamento” de uma nova área do local, na extremidade sul da área intervencionada, rodeada exteriormente por um enorme muro em arco de círculo, como se disse.

Do ar (helicóptero), esta área parece conter internamente um outro muro concêntrico. Na suas extremidades leste e sul confina com o estradão, que significativamente contorna a estrutura. Interiormente, e como o terreno baixa de cota para sul, a zona apresenta-se com o aspecto de uma ligeira “cratera”, cujos pormenores vão ser alvo, segundo esperamos, dos estudos de 2003.

Para esse efeito já se cortou muita vegetação e se espalhou aqui, por diversas vezes (até ao fim de Setembro de 2002) herbicida, na tentativa de ver facilitada, pelo menos um pouco, a nossa penosa tarefa de extracção de raízes dos carrascos. Foram, além disso, retiradas muitas pedras que juncavam caoticamente o local e suas imediações, à superfície (v. foto 2).

– Finalmente, como se disse, procedeu-se à recobertura com gravilha (por vezes reforçada com pedras soltas existentes no local) de todo o enchimento dos “bastiões” C e D, até ao topo, após colocação de manga plástica; idêntica acção relativamente a outras áreas mais sensíveis do sítio, naturalmente que a título precário, até porque a continuação do seu estudo exigirá a respectiva remoção.

2.3. Estruturas do local – visão de conjunto

Após a campanha de 2002 ressaltam as seguintes características estruturais do sítio:

– “muralha”, ou muro de duas faces (com cerca de 1,5 m. de largura em média), descrevendo um arco, pois tem um primeiro troço (por ordem de achamento) orientado genericamente no sentido NW-SE, e um segundo, que se dispõe no sentido norte-sul. A ela vêm-se acoplar quatro “bastiões” (A, B, C e D), em posição exterior (isto é, para Norte – “bastião” A –, e para Este – “bastiões” B, C e D –, ou seja, para o lado do estradão que permite o acesso, e contorna, a área intervencionada).

Podemos designar convencionalmente este primeiro troço de “muralha”, ou muro delimitador do recinto, como “muralha 1” (m1). Descreve um arco de grande amplitude, e é curioso notar que é na sua zona de inflexão (quando “muda” a orientação NW-SE para N-S, genericamente) que se situa o “bastião” B, o mais irregular (e aparentemente “torcido” em relação a uma concepção original) dos exumados. Ou seja, enquanto os outros três “bastiões” vão, por assim dizer, acompanhando a curvatura da “muralha”, tendo os seus eixos maiores perpendiculares à mesma, com o “bastião” B isso não acontece.

É de sublinhar também, como se disse acima, que a última parte, para sul, desta m1, descreve um arco, e apresenta uma descontinuidade (d) que pode corresponder a uma abertura, eventualmente importante;

– segundo troço de muro, ou “muralha” (m2), que, parecendo “vir” de oeste, do interior do recinto principal, seccionando o seu espaço (hipótese a testar nas escavações de 2003 e seguintes), descreve um arco para leste, parecendo configurar uma espécie de espaço “avançado” (AV.) em relação àquele recinto. Tem dimensões e forma de construção muito semelhantes às de m1, e é possível (mesmo no pequeno troço já exumado – que vai do quadrado 90.58 ao quadrado 87.62) que contenha antigas “entradas” ou “portas” que podem ter sido a certo momento eventualmente obturadas, dentro de uma lógica que parece ser comum neste tipo de arquitecturas (veja-se Castelo Velho de Freixo de Numão), nas quais, se os planos de conjunto são estáveis, os de pormenor são extremamente “plásticos” (revelando uma diacronia complexa);

– “bastiões” como estruturas ornamentais ou de prestígio, de consolidação da muralha (servindo de contrafortes junto a um declive) e de criação de espaços internos circunscritos onde se podem ter realizado acções particulares. A presença de fossas, nichos, “estelas”, micro-espaços diversos no interior dos “bastiões” tem de ser cuidadosamente registada e interpretada, naturalmente que em relação com a respectiva estratigrafia e diacronia geral do espaço interno que cada “bastião” apresenta.

A repetitividade deste tipo de micro-espaços periféricos (adjacentes a muros) em sítios calcolíticos do tipo “recinto murado” é significativa de um certo “estilo arquitectónico”, embora, naturalmente, fosse absurda a atribuição a tais espaços de qualquer “função” uniforme, quer no tempo, quer no espaço (do mesmo sítio e, por força de razão, de sítios diferentes).

Temos sempre de ter em atenção, ao abordar uma arquitectura pré-histórica, que ela era o único sistema permanente de inscrição de sentidos – de uma ordem – no espaço, e que, não havendo escrita, tais sentidos tinham de ter toda uma “gramática”: uma sintaxe (regras de divisão e associação de módulos, de unidades combináveis entre si) e uma semântica (capacidade de “decifração”, pelo menos por uma parte da comunidade, do sentido ou sentidos que se pretendia veicular com cada “afirmação”, ou seja, com cada estrutura (cenário fixo) e comportamentos mais ou menos padronizados (cenário móvel) a ela associados.

Ora, numa sociedade com escrita, quando se querem produzir novos sentidos, escrevem-se novos textos. É evidente que esta afirmação é redutora, porque a arquitectura continuou sempre – e de que modo – a ser utilizada, até hoje, como um sistema de inscrição de sentidos. Mas teve de conviver com outros (veja-se o actual regime da imagem gráfica, ou os “média” como a televisão).

Numa sociedade que se exprime pelas marcações materiais do espaço (isto é, pela arquitectura), nos momentos significativos (de inscrição de sentido) as estruturas ou são destruídas, ou criadas de raiz, ou então são transformadas, quer por acrescentamento de novas estruturas semelhantes nas proximidades (mais do mesmo, numa lógica aditiva), quer por alteração do desenho e da concepção dos volumes/formas/espaços como um todo (inovação radical), ou em parte (inovação parcial, eventualmente paulatina, numa lógica de modificação de pormenores que só a prazo altera a significação do conjunto, a “mensagem” arquitectónica que o conjunto configura, transmite, e fixa).

Num momento final, o interior dos “bastiões” é petrificado, isto é, cheio com pedras, mas não caoticamente, ao acaso. Tais pedras, e por vezes lajes muito compridas, delimitam micro-espacos, quase “nichos” intencionais, tudo parecendo fazer parte de um comportamento altamente planeado e estruturado, mesmo na fase, por assim dizer, de “condenação” (enchimento de vãos) de tais estruturas e sua massificação.

Esta “massificação” ou petrificação, note-se, pode ter sido apenas a da base pétrea das estruturas, sendo que a sua parte superior, feita provavelmente de argila e materiais perecíveis (mais frágil), ou pura e simplesmente se deixou degradar, ou parece que foi arrasada (acção fácil de praticar) para que aquilo que tinha sido um espaço interno, uma estrutura oca, na qual se podia penetrar e sair, se transformasse numa entidade maciça.

Esta realidade tem sido claramente observada por Susana Oliveira Jorge e colaboradores em Castelo Velho de Freixo de Numão, onde o que muitas vezes se encerrou simbolicamente (por exemplo, com a disposição transversal, no interior de uma estrutura, de grandes lajes de xisto azulado, duro, além de outras pedras por cima) foi a base da dita estrutura, e seu enchimento, ou soco, de argila.

A presente conclusão é muito importante, porque mostra que o que se “condenava” era a parte mais resistente, ou infra-estrutura pétrea, de um determinado micro-espaco, tornando perene aquilo que antes seria uma unidade facilmente transformável, mais ou menos efémera.

A passagem do mais ou menos efémero ao perene (através de “condenação” por exemplo – que no caso dos dólmenes de corredor se dava pelo fechamento do átrio), e, em geral, o encarar destes sítios como complexos arquitectónicos em permanente transformação de detalhe (e, portanto, na diacronia, como um complexo “sistema de transformações”) é uma observação que, cremos, é muito importante também.

Devemos muito a Susana Oliveira Jorge e às suas escavações do Castelo Velho a este respeito, como também à experiência de outros de nós na escavação de “monumentos megalíticos” (sobretudo V. O. J.), experiência que se vem a revelar decisiva na abordagem deste tipo diferente de arquitecturas pré-históricas.

A transformação de que falamos acima manifestamente envolvia deposições de certos itens (no sentido em que se costuma falar de deposições em relação a “espacos funerários”) em determinados locais, tudo levando a concluir, mais uma vez, que não estamos perante espacos ocupados para uma simples vivência quotidiana de um conjunto de pessoas, mas de verdadeiros complexos simbólicos, ou conjuntos de “micro-espacos” relacionados com percursos e trajectos que, por vezes, assumiriam mesmo a faceta de “passos” de uma sequência comportamental que podemos imaginar como ritual. Foi este paradigma novo (em Portugal, porque em vários países europeus, como a Grã-Bretanha, o assunto é banal e discute-se há décadas, em relação com as “funções” dos “enclosures” e, em particular, dos “causewayed camps” e dos “henges”, estes segundos mais tardios do que os primeiros) que o Castelo Velho de Freixo de Numão abriu, e só por isso ele ficaria na história da arqueologia portuguesa.

O “bastião” A é sub-elíptico; começado a escavar em 1999, foi concluído em 2000.

O “bastião” B parecia circular (ou quase), no fim dos trabalhos de 1999, mas, como já explicámos em trabalhos anteriores, a realidade interna revelou-se bem diferente: não voltaremos aqui a isso, guardando para mais tarde a exposição dos resultados das análises detalhadas das estruturas individuais, que estão a ser feitas. Já teve o seu interior, de planta sub-triangular, inteiramente escavado em 2001.

Os “bastiões” C e D são semi-circulares e estão “virados” para leste. A sua escavação – apesar de muito adiantada no “bastião C” – está ainda em curso, e a análise dos dados observados no seu interior, como se disse, entregue a estudantes finalistas da licenciatura da FLUP. Há muitos aspectos do “bastião” D que terão de ser melhor esclarecidos em próximas escavações, e torna-se evidente que a sua articulação com as estruturas que se encontram em áreas adjacentes, para o interior do recinto, só poderá ser compreendida no contexto de futuras escavações em área.

– A zona NW da área intervencionada, entre o último troço explícito de muralha (onde foi exumada uma segunda “porta”, ou “entrada”, cujos limites se não entendem ainda bem, exigindo futuros trabalhos mais detalhados) e o começo da rampa pétrea monumental, encontra-se já a grande distância da área sul onde temos de concentrar a nossa pequena equipa (pequena, proporcionalmente à imensidão do sítio).

Por isso, para já, limitamo-nos a de novo registar (lembrar) a sua existência.

Contamos, se isso for possível de um ponto de vista logístico-financeiro, ir alargando paulatina e seguramente a equipa coordenadora das escavações, tentando consolidar uma estrutura de pesquisa voltada para o estudo das arquitecturas pré-históricas.

Mas esse alargamento, naturalmente sujeito a aprovação por quem de direito, só será feito após provas muito sérias dadas por cada um dos elementos a integrar, tanto do ponto de vista estritamente científico, como pessoal. Na verdade, um projecto destes só funciona se toda a informação pertinente ao trabalho de cada um (ou de cada sub-equipa) lhe for disponibilizado, o que implica uma confiança total e absoluta dos actuais responsáveis na idoneidade dos restantes, o que, convenhamos, nos tempos do “crepúsculo do dever” de que fala um conhecido filósofo francês, não é fácil de concretizar.

2.4. “Material” (objectos amovíveis) recolhido

Foram como de costume exumados milhares de restos de artefactos, constituídos por fragmentos de recipientes e outros objectos cerâmicos, moinhos manuais em granito, inteiros ou, com mais frequência, fragmentados (elementos moventes e dormentes), percutores (em geral em quartzo), seixos de rio (sobretudo em quartzito), lascas e núcleos de quartzo. Também ocorreu de novo barro de revestimento, mais ou menos abundante conforme as áreas. Cada vez mais, indubitavelmente, a argila tinha um papel muito relevante em toda a técnica construtiva.

Igualmente foram recolhidas algumas (4) lajes com gravuras, como se disse, para o Museu da Casa Grande de Freixo de Numão.

Outros marcadores espaciais, como “estelas” (lajes alongadas, em regra afeiçoadas sumariamente, e que não parecem apenas formar parte das construções, como elemento estrutural das mesmas, mas ter uma intenção simbólica) foram este ano preferencialmente deixados “in situ”.

Todo o material recolhido está a ser, como se disse, objecto de análise, após lavagem e mercação, pelo que é precoce uma avaliação de conjunto – para além da que já foi exposta em relatórios anuais enviados ao IPA em 1999, 2000, 2001 e 2002 (e, neste último ano, também no contexto do relatório final do projecto EVASAFREN), e em trabalhos publicados anteriores –, tanto mais que esta informação só faz sentido se articulada com cada um dos micro-contextos onde foi exumada.

Foram de novo recolhidas numerosas amostras de carvão para análise antracológica (enviadas, como de costume, à Doutora Isabel Figueiral, que já começou a produzir alguns resultados em relação a amostras de campanhas anteriores) e, nalguns casos, para datação pelo C14 (há novos resultados dos laboratórios do CSIC Madrid, e da Univ. de Uppsala – neste último caso, são 7 amostras, uma para o “bastião” D, e seis para o “bastião” C). As análises de Madrid são gratuitas; aproveitamos para agradecer ao Dr. Antonio Rubinos, que sucedeu ao Dr. Fernán Alonso – recentemente falecido – à frente do respectivo laboratório, toda a prestimosa colaboração que nos tem dado. As análises de Uppsala (AMS) são dispendiosas, e só possíveis pelo facto de um de nós (VOJ) ser elemento do CEAUCP da FCT, que custeia essa despesa.

Pequenos fragmentos de osso (fauna) foram recolhidos em campo pela Dra Cláudia Costa (arqueóloga com vocação para a arqueozootologia, de cuja colaboração usufruímos em permanência, a título gracioso), que já produziu sobre eles um relatório. Aguardamos ainda os resultados das análises que o Prof. João Luís Cardoso, da Univ. Aberta, Lisboa, se comprometeu a fazer (como consultor do EVASAFREN, como aliás o é do actual ARQUEHORFREN) relativos a amostras enviadas, e relativas a campanhas anteriores à de 2002; ou de ambos os investigadores em colaboração, como parece prefigurar-se.

Parte dos materiais recolhidos ficou, em 2002, em Freixo de Numão, como de costume, à guarda da ACDR (ASC), ou, para estudo, em posse temporária dos restantes signatários (VOJ-Porto, JMC-Lisboa, LSP-Porto). A título também temporário, para fins de pesquisa e preparação de trabalhos universitários, encontram-se materiais na posse de várias pessoas atrás mencionadas: Ana Margarida Vale (mestrado), Nelson Borges (licenciatura – a concluir em 2003), Rui Barbosa (licenciatura – a concluir em 2003) e Clara Gaspar (licenciatura – a concluir em 2004).

Todos os registos – incluindo imagens fotográficas digitalizadas, cópias de vídeos, originais de desenhos, etc., e o “espólio” (=materiais arqueológicos, amostras diversas) da estação – destinar-se-ão, no futuro (isto é, logo que estudados), e salvo qualquer excepção, ou indicação superior em contrário, ao Museu local de Freixo de Numão.

3. PERSPECTIVAS PARA 2003

Está previsto que as escavações decorram durante mais 3 semanas (15/16 dias de tempo útil), entre 14 de Julho e 2 de Agosto, ao mesmo tempo que se desenvolverão trabalhos em Castelo Velho de Freixo de Numão.

Pensamos que as escavações de 2003 deverão incidir, prioritariamente:

- na conclusão do estudo do “bastião” C;
- no estudo exaustivo do “bastião” D, e sua conclusão;
- e, sobretudo, no alargamento da escavação (decapagem em área e registo de estruturas em desenho e fotografia) para sul (na extremidade sudeste da área intervencionada até hoje), ou seja, na zona da área “avançada” ladeada por um murete, que confina com a curva do estradão. Este estradão, certamente, para evitar a grande quantidade de pedras ali acumuladas, contornou-as, poupando assim em parte as

estruturas, pelo menos na sua zona mais monumental. A propósito, acrescente-se que quando comparamos fotografias aéreas do Instituto Português de Fotografia e Cadastro (à escala de 1:2.500) efectuadas respectivamente em 1965 e em 1995, constatamos a enorme destruição efectuada no sítio pelas eucaliptações, pela agricultura, e, até, pelos caminhos de acesso abertos pelas máquinas. Felizmente que um dos nós (ASC) pôde salvar, pelo menos, o topo deste enorme recinto monumental.

Parece-nos que devemos prosseguir a estratégia geral delineada em anos anteriores, ou seja, o esclarecimento das estruturas periféricas e delimitadoras do recinto superior (“muralha” ou “muralhas”, “bastiões”, entradas, etc.) antes de prosseguirmos, com meios adequados, com uma escavação em área do interior e, mais tarde, exterior, da superfície do referido recinto.

Dada a pequena equipa de que dispomos (relativamente à grandiosidade da estação) mais vale concentrá-la num só foco de intervenção, do que dispersá-la por diversas “frentes”, distantes entre si umas das outras, o que torna difícil e penosa a condução do trabalho, que naturalmente pressupõe a comunicação constante entre os participantes, tanto mais que temos de acolher todos os anos um conjunto de pessoas, em regra, totalmente inexperientes (alunos do 1º ano da licenciatura em Arqueologia da FLUP).

Também é justo referir, em conclusão, que experiência e produtividade nem sempre caminham a par. Tudo depende muito da qualidade e do empenhamento das pessoas, e temos tido da parte de estudantes muito jovens provas de uma imensa dedicação à arqueologia. Este é um grande capital a não perder, e uma grande responsabilidade: a de incentivar os jovens a manterem o seu gosto pela pesquisa, apesar do ambiente geral não ser muito encorajante nesse sentido. Devemos muito – e queremos aqui registá-lo – aos inúmeros estudantes que têm trabalhado connosco.

4. DIVULGAÇÃO DOS TRABALHOS NA COMUNIDADE CIENTÍFICA E FORA DELA

Durante o período que vai de fins de 2001 a inícios de 2003, a estação de Castanheiro do Vento e o resultado das pesquisas lá efectuadas foi apresentada pelas seguintes vias:

- em 14 de Dezembro de 2001, durante a sessão anual de apresentação das pesquisas efectuadas por membros do DCTP-FLUP, na respectiva Faculdade (V.O.J.);

- em 18 de Março de 2002, durante o Curso Internacional de Arte pré-histórica Europeia, do Instituto Politécnico de Tomar, por V. O. J. (em comunicação feita de colaboração com S. O. Jorge);

- em 16 de Novembro de 2002, durante o Encontro sobre Cultura e Desenvolvimento, em Vila Nova de Foz Côa, pelos signatários;

- em 25 de Janeiro de 2003, no Colóquio “Sinais de Pedra”, em Évora, pelos signatários, de colaboração com Susana Oliveira Jorge, da FLUP (a primeira subscritora da comunicação). Pela primeira vez foi feita uma articulação comparativa entre arquitecturas megalíticas e arquitecturas de recintos murados, e entre “arte rupestre” e este tipo de recintos, acentuando-se a ideia de que neles foram incorporadas lajes com gravuras, como se se tratasse de “citações” de outros locais, ou de “reliquias” de outros sítios reincorporadas nestes, adentro da lógica da deposição/redeposição de elementos simbólicos atrás referida. Lembremos que na área do baixo vale do Côa existe pelo menos um painel com gravuras fusiformes, e que estas são frequentes em Trás-os-Montes associadas a linhas de água (inform. de Maria de Jesus Sanches, da FLUP).

5. PORTAL NA INTERNET

Castanheiro do Vento consta do seguinte portal, da autoria de Alexandra Leite Velho e de Gonçalo Leite Velho (Instituto Politécnico de Tomar):

<http://freixonumao.pt.vu>

a quem muito agradecemos essa colaboração, bem como toda a ajuda prestada na organização logística, por meios informáticos, das equipas participantes nas escavações.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.: Coixão, A. S. (2002), Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro), *Côavisão*, 4, pp. 73-93.

Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.: Coixão, A. S. (2002), Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal, *Monuments and Landscape in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarrre), London, Routledge, pp. 36-50.

Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S. (2003 – em preparação), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental precinct of the Foz Côa region, Journal of Iberian Archaeology, vol. 5.

Jorge, S. O.; Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S. (2003 – em preparação), Reflexões sobre técnicas de construção e formas de organização do espaço nos sítios pré-históricos recentes de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins, Actas do Colóquio Internacional "Sinais de Pedra", Évora, Jan. de 2003 (coord. M. Calado).

Janeiro de 2003.

Vítor Oliveira Jorge

R. Aníbal Cunha, 101-3.º dt.º Tras./Fr.
4050-048 Porto
telef. 222059836; fax 222026903
vojsoj@mail.telepac.pt

António Sá Coixão

ACDR de Freixo de Numão
5155 Freixo de Numão
telef./fax 279789573
freixo.acdr@clix.pt

João Muralha Cardoso

Museu da Cidade de Lisboa
Campo Grande, 245
1200 Lisboa
telef. 217571725/6/7
fax 217571858

Leonor Sousa Pereira

R. Estevão Gomes, 25-12.º E
4150-306 Porto
telef. 226184787

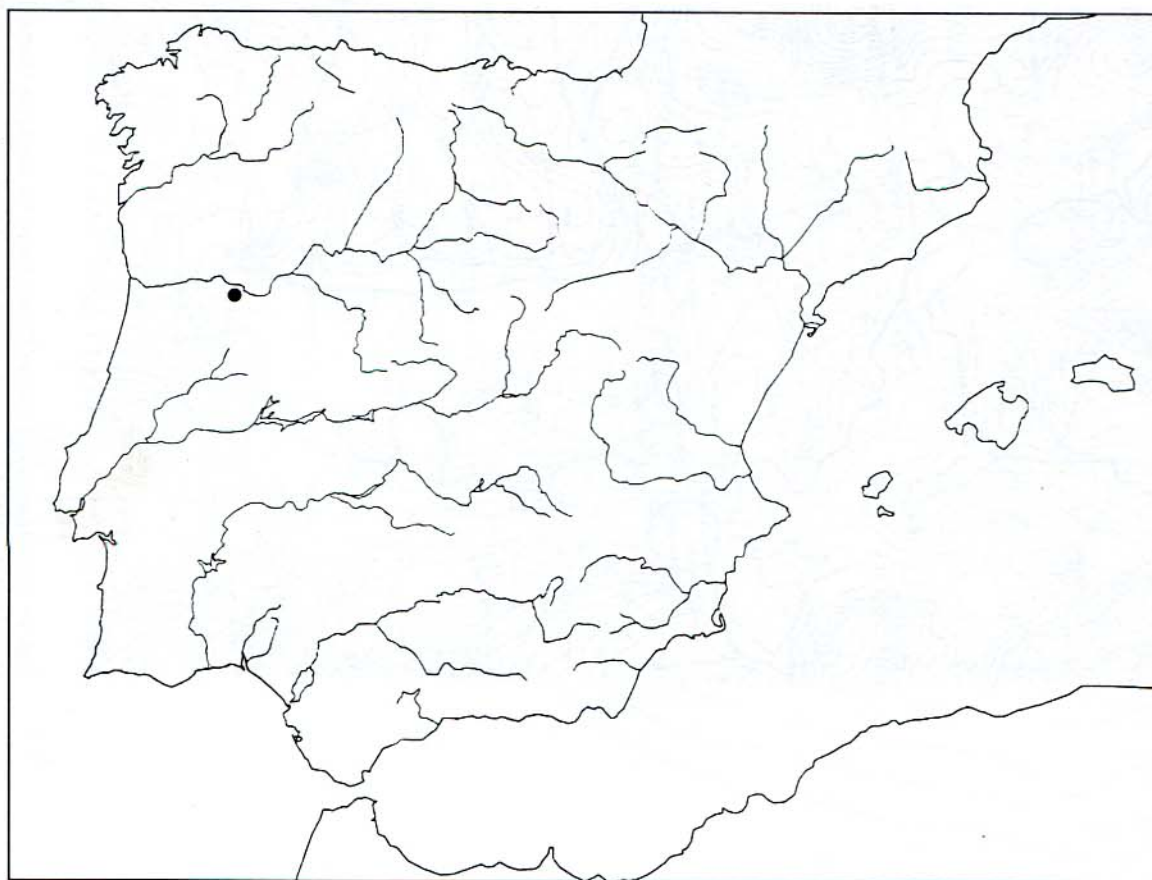


Fig. 1 – Localização do Castanheiro do Vento na Península Ibérica

Fig. 2 – Localização relativa de Castanheiro do Vento de Horta do Douro (1) (c. 730 m.) e de Castelo Velho de Freixo de Numão (2) (c. 680 m.), a estação-ipo mais bem estudada da região. Base cartográfica: carta corográfica de Portugal na esc. de 1:50.000. Está acentuada a negro a curva de nível dos 600 m. a.n.m., por forma a compreender-se que enquanto o Castanheiro do Vento "se volta" primordialmente e panoramicamente à ribeira da Teja, que lhe fica para oeste, o Castelo Velho "se volta" genericamente para a depressão que lhe fica para SE, e se encontra mais "encaixado" do que o primeiro

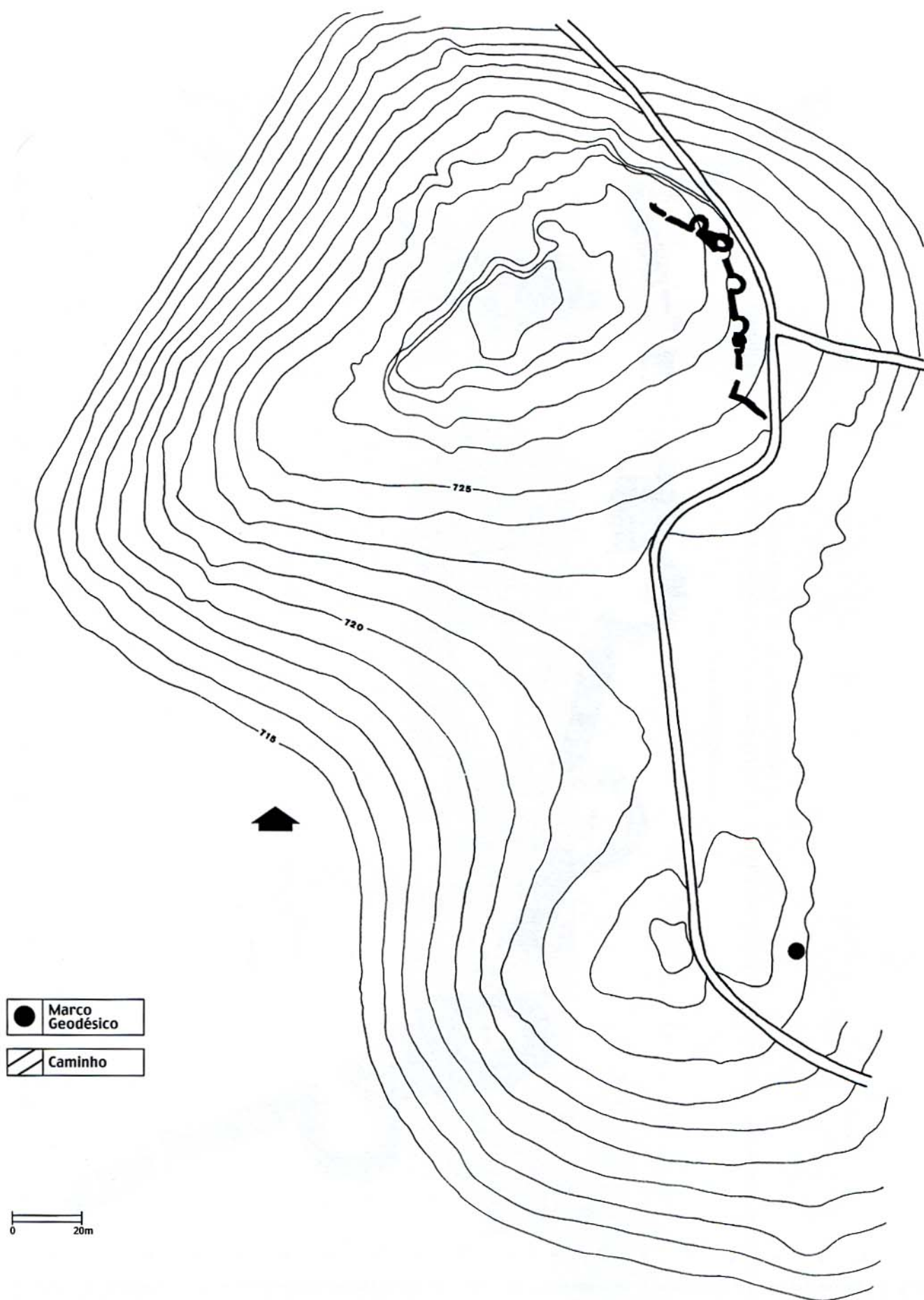


Fig. 3 – Planta geral da estação, com localização das principais estruturas arquitectónicas detectadas até ao presente, configurando, pelo menos, um grande recinto complexo na zona norte do sítio

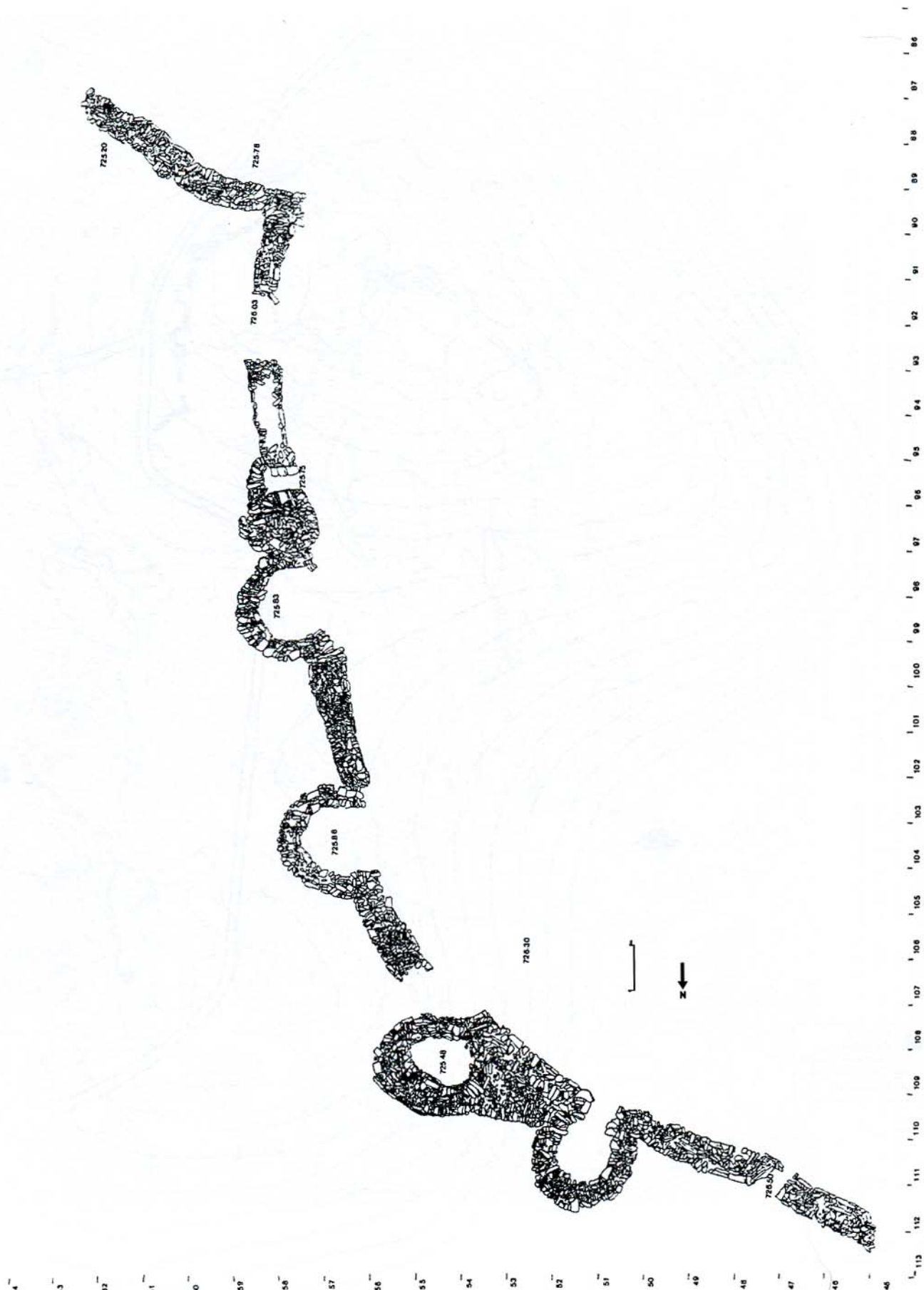


Fig. 4 – Estruturas mais importantes detectadas em Castanheiro do Vento (de sul para norte): arco de muro delimitando uma área “avançada” na extremidade sul; zona de parede com uma descontinuidade podendo corresponder a uma entrada; entrada monumental com fecho em arco para o exterior (para leste); provável torre; “bastiões” D, C, B e A; estrutura de reforço adossada ao intervalo exterior entre os bastiões A e B; porta. A escala mede 2 m (= lado de cada unidade de escavação)

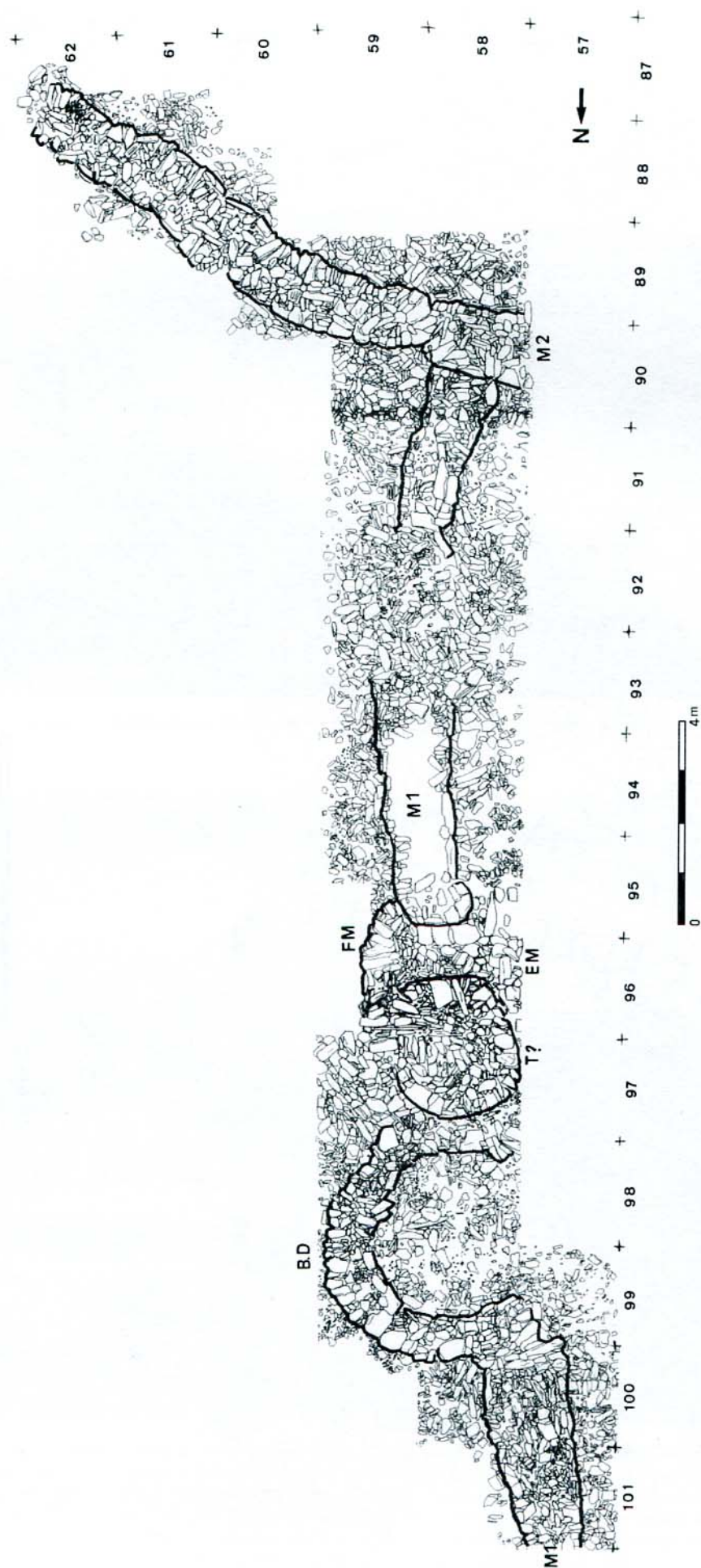


Fig. 5 – Estruturas mais importantes intervencionadas na campanha de 2002: M1 e M2 ("murallas" ou muros), B.D ("bastião" D); T? (provável "torre"); EM (entrada monumental), com o seu FM (fecho monumental em arco, pelo exterior)

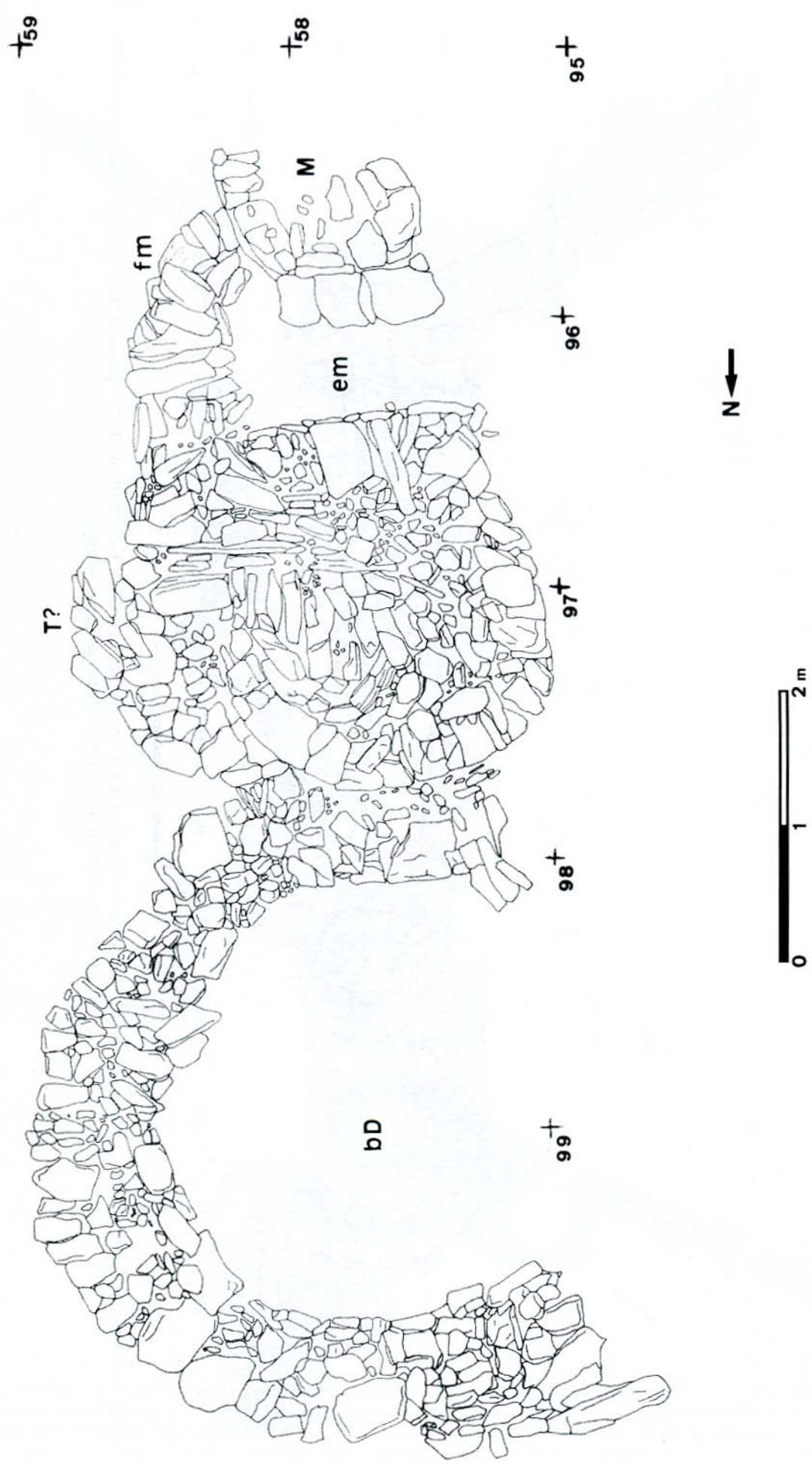


Fig. 6 – Detalhe do “bastião” D (bd), da provável “torre” (T?), e da entrada monumental anexa (em), com o seu fecho monumental de “condenação” externo (fm)



Foto 1 – Castanheiro do Vento no Outono (2002), visto aproximadamente de norte



Foto 2 – Julho 2002: “cadeia humana” envolvendo c. de 30 pessoas (praticamente a totalidade da equipa, incluindo os dirigentes) formada para retirar pedras espalhadas à superfície da estação, e decorrentes da degradação superficial das estruturas (erosão, antigos trabalhos agrícolas, etc.). Procedimento habitual numa escavação que não dispõe de trabalhadores braçais. Testemunho de como se trabalha em arqueologia em Portugal (pelo menos em certos locais onde os meios são desproporcionados em relação às tarefas) nos inícios do séc. XXI. No fim da campanha, é todavia possível dispor de máquinas para arrastar estes entulhos para local adequado, como se fez



Fotos 3 e 4 – Dois momentos da minuciosa decapagem do interior do “bastião” C, com registo tridimensional de todos os objectos e peneiração de todos os sedimentos. Deixou-se uma “banqueta” (B) transversal, ao centro, para controlo estratigráfico. Foto 4: E – laje fincada na periferia interna do “bastião”, de tipo estela; BP – buraco de poste



Foto 5 – Uma fase das decapagens, vendo-se, à esquerda, parte do “bastião” D (BD), apossível torre sub-circular (T) junto à entrada monumental para sul. As pessoas estão a trabalhar junto às faces interna (à direita) e externa (à esquerda) desse muro ou “muralha”



Foto 6 – Pormenor da possível “torre” nesta fase (relativamente inicial) de decapagem



Foto 7 – Zona da porta monumental, vista do exterior. Localização de duas lajes com gravuras rupestres: 1 e 2, respectivamente à esquerda e à direita da referida entrada (são mostradas nas fotos seguintes)



Foto 8 – Face externa (virada ao exterior do muro, isto é, a leste) da laje com gravuras n.º 1 (laje essa reproduzida integralmente no foto 9). Sinais fusiformes sub-verticais (técnica de abrasão) e picotados curvilíneos, estes últimos sobrepondo-se em parte aos primeiros, e em parte parecendo envolvê-los. Largura máxima desta face: c. 12 cm

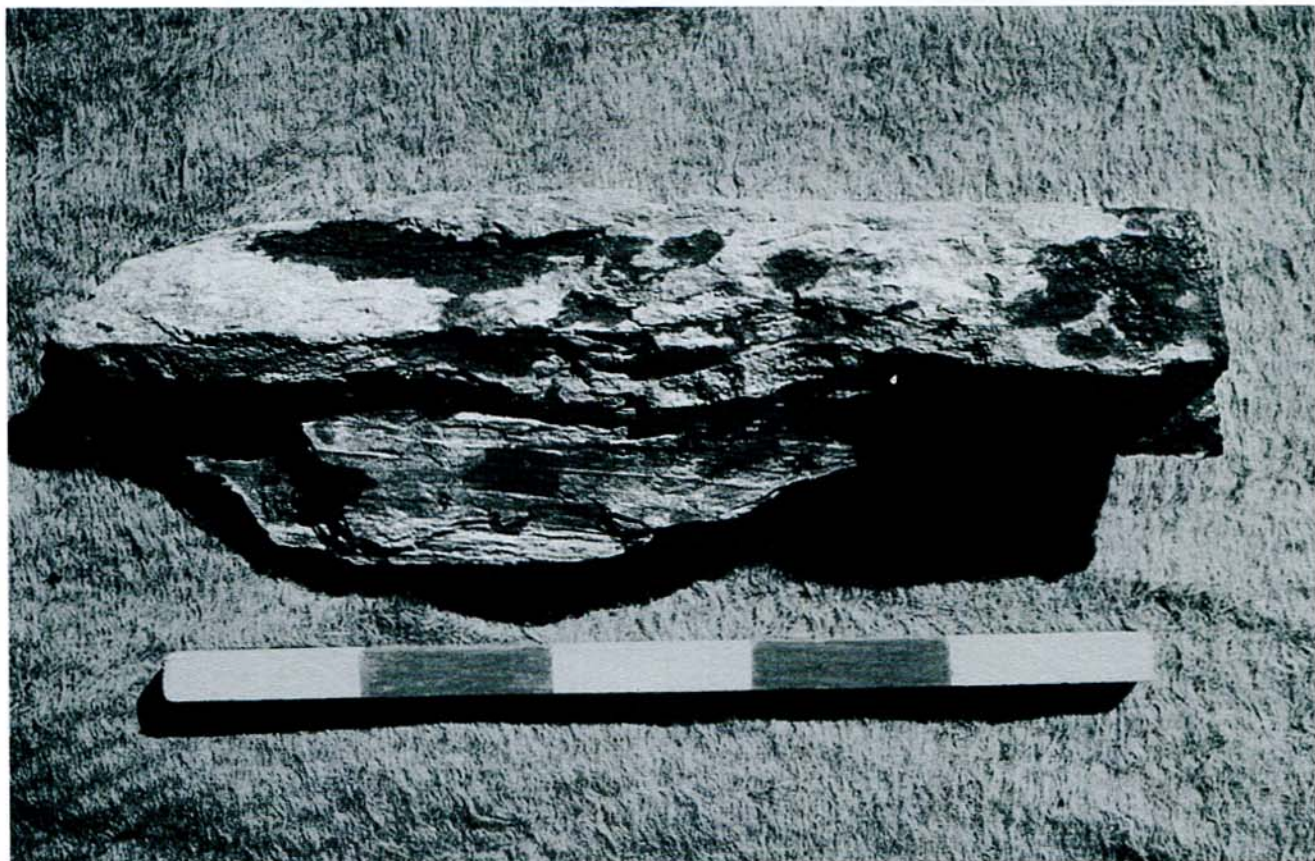


Foto 9 – Laje com gravuras n.º 1, depois de retirada do local (e substituída por laje semelhante). A superfície gravada encontra-se na extremidade direita da pedra, invisível ao observador. A peça foi deposta no Museu da Casa Grande, Freixo de Numão



Foto 10 e 11 – Localização da laje com gravuras n.º 2, na entrada monumental, durante a decapagem desta (a sua extremidade oeste está fracturada, e encontra-se apoiada num cabo de colherim, na foto). Encontrava-se virada a sul



Foto 12 – Laje com gravuras n.º 2, “in situ”. Fusiformes sub-verticais mais ou menos paralelos, incluídos numa composição em que existem numerosos outros traços menos nítidos, mas todos obtidos por abrasão

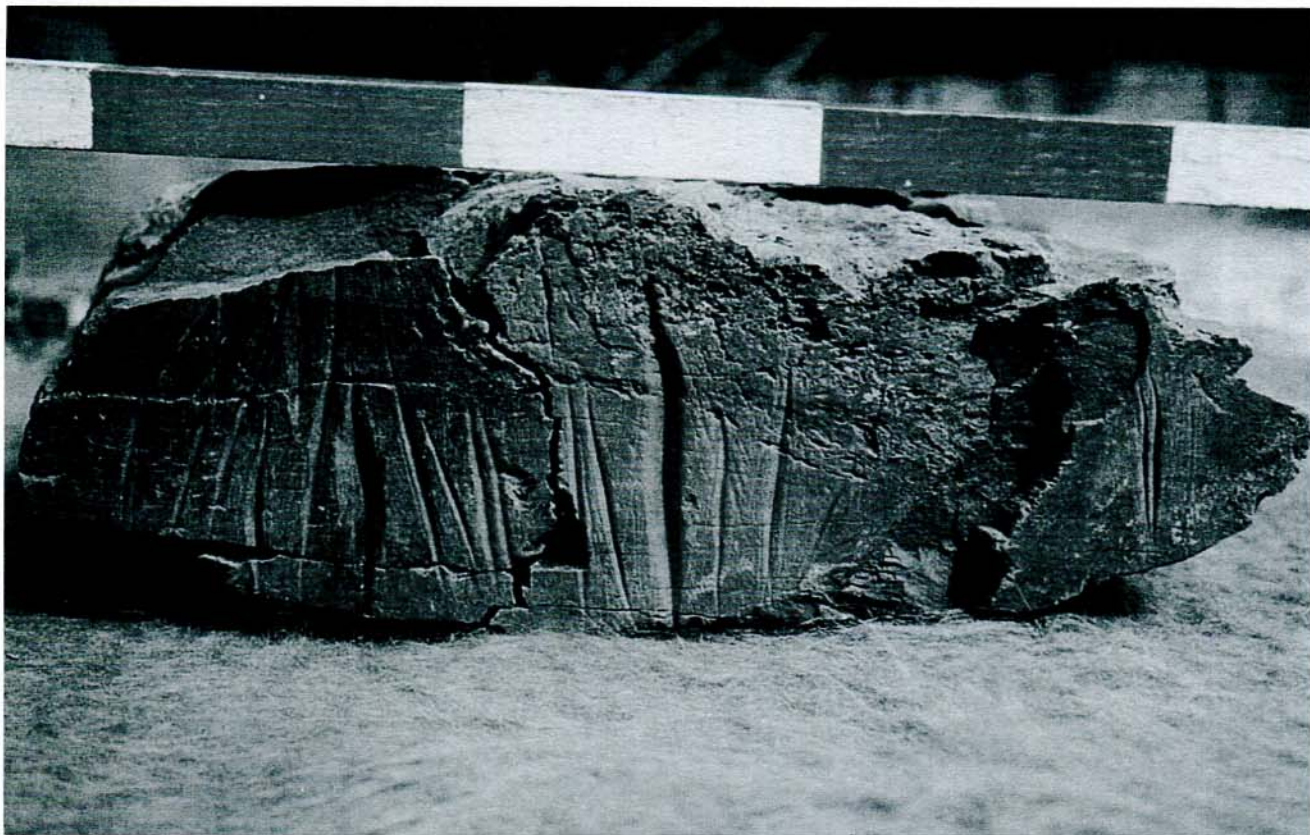


Foto 13 – A mesma laje, já depois de retirada da sua localização original, e antes de ser deposta no Museu da Casa Grande, em Freixo de Numão. É visível o carácter bastante degradado (fracturado) da peça, que foi por nós parcialmente colada com cola ARALDITE, para evitar uma maior degradação. Cada unidade da régua: 10 cm



Foto 14 – A mesma laje n.º 2, observada de cima (contorno sub-trapezoidal). A superfície gravada encontra-se na vertical, do lado direito, e portanto invisível nesta posição. A escala mede 50 cm no total

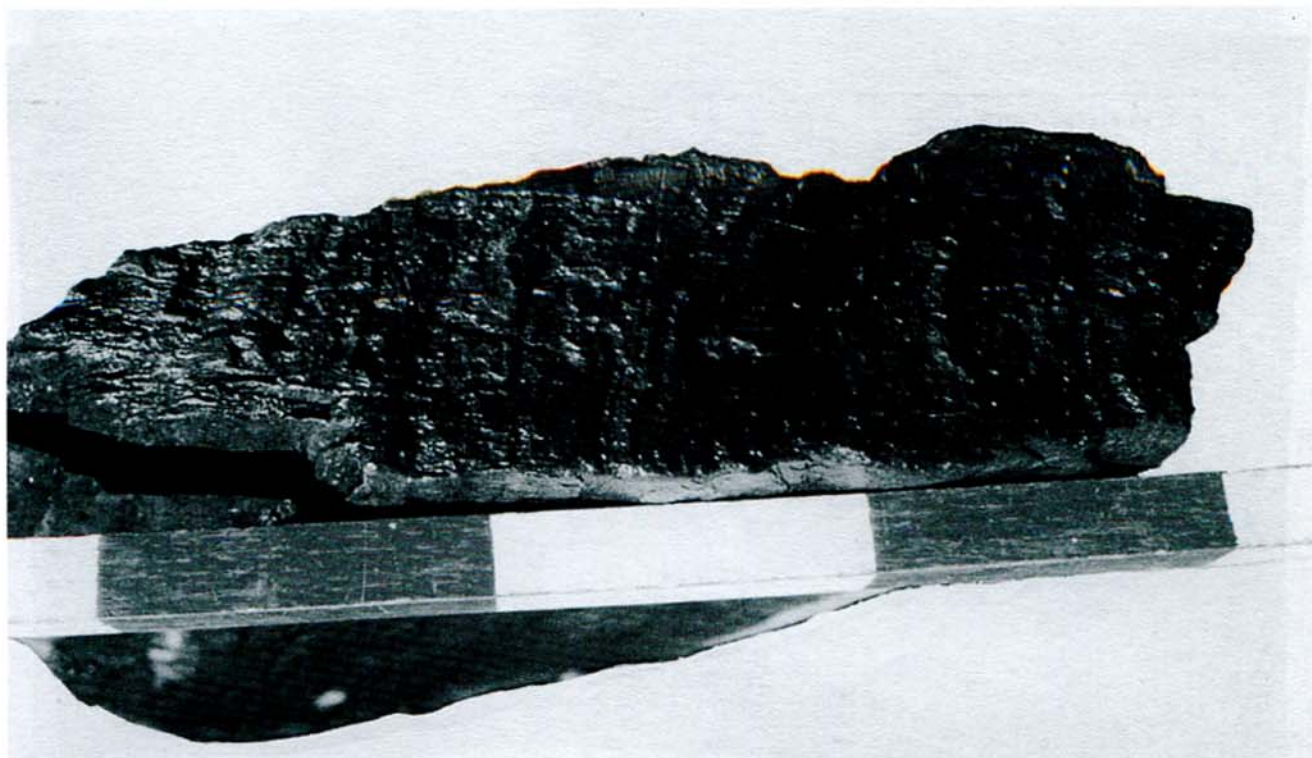


Foto 15 – Laje com fragmentos de possível gravuras (picotado) n.º 3, situada no muro, e voltada ao seu interior (ou seja, para oeste) nas imediações da mesma entrada onde ocorreram as lajes anteriores. Cada unidade da régua: 10 cm



Foto 16 – A mesma laje da figura anterior, com o seu contorno sub-triangular. A superfície que revela possíveis restos de picotados (extraídos de um painel?), corresponde ao lado direito da pedra. Foi deposta no Museu da Casa Grande de Freixo de Numão



Fotos 17 e 18 – Aspectos do “bastião” D numa fase intermédia de decapagem, ainda com parte do seu enchimento pétreo de “condenação”, vistos aproximadamente de leste



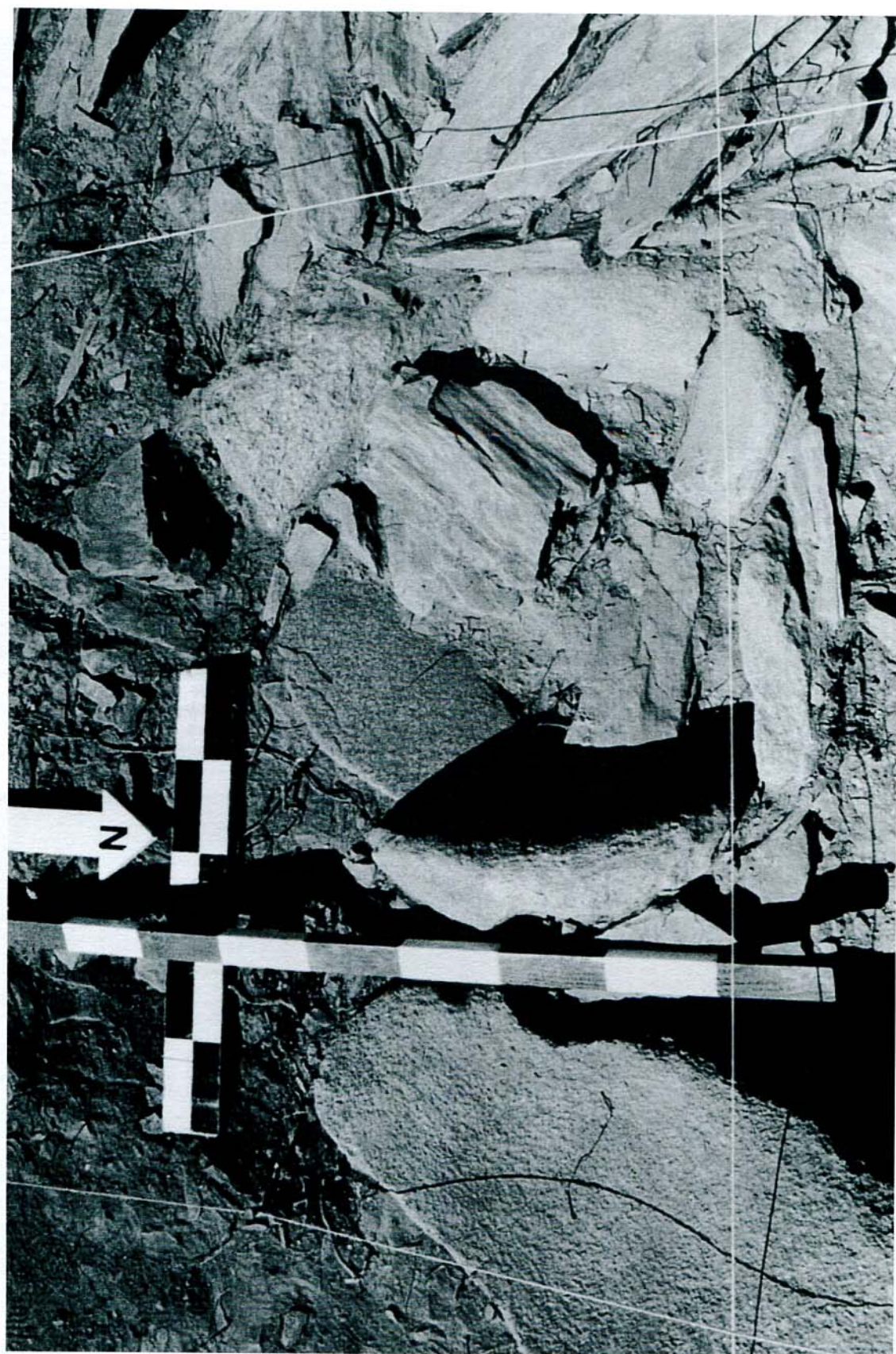
Foto 19 – Vista de conjunto, tirada de sul, com a “muralha” (M) e porta monumental (PM) em primeiro plano, a possível “torre” semi-circular (T) e o “bastião” D numa fase adiantada de decapagem, sendo visível o seu nicho interior (N). Junto ao nicho, nota-se um grande dormite (D), mais notório nas fotos seguintes (20 e 21)



Foto 20 – Vista de conjunto do “bastião” D, num momento relativamente avançado da decapagem (após eliminação de grande parte do seu enchimento pétreo superior)



Foto 21 – Detalhe da foto anterior, vendo-se o nicho atrás referido (N) e o grande dormente partido, e aparentemente afeiçãoado (D). Todas as unidades assinaladas com pequeno círculo negro são elementos de moinho manual em granito, reutilizados nesta pequena estrutura



22 – Detalhe do nicho anterior



Foto 23 – Aspecto da entrada monumental leste, situada para sul do “bastião” D, e vista de oeste. L – lajeado de base; ML – muro lateral, estreitando a passagem, encostado à “muralha” (M), que se desenvolve para sul; T – provável “torre”, para norte da porta

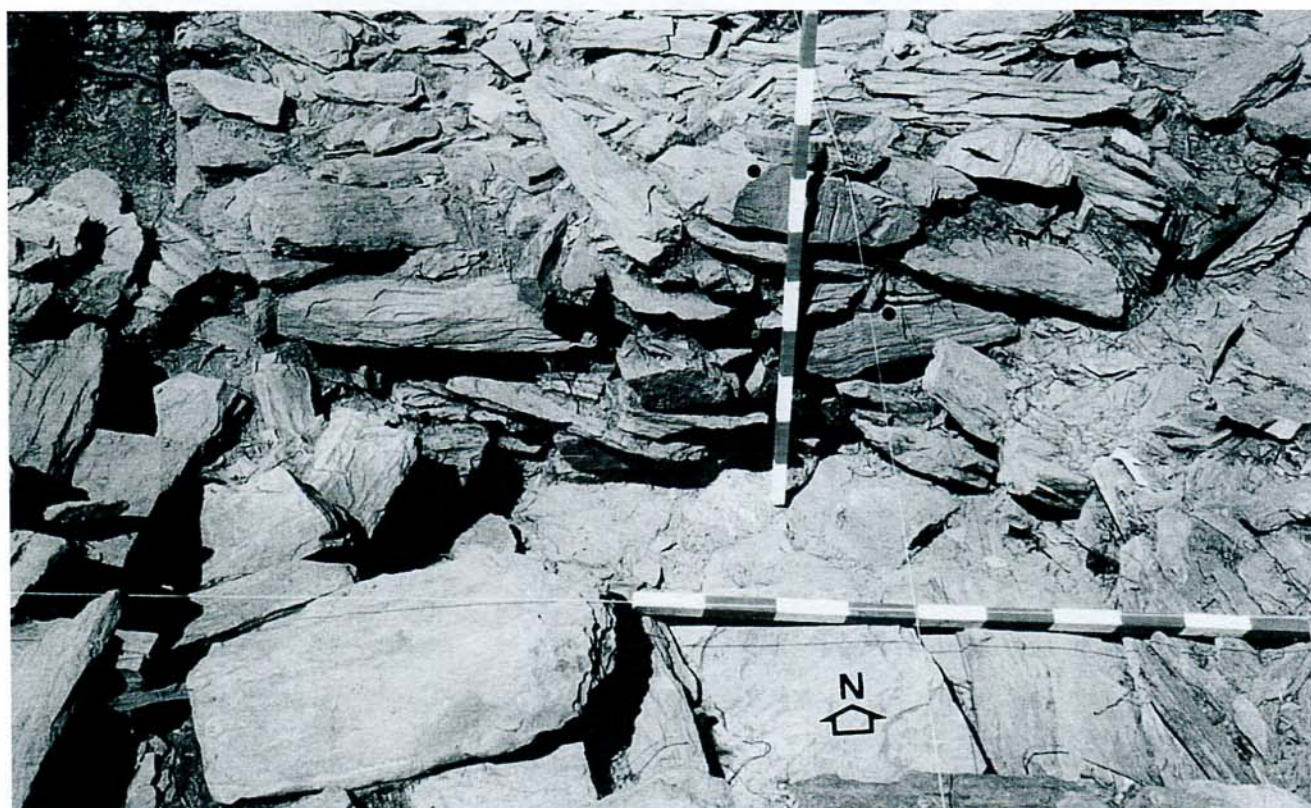


Foto 24 – Outro aspecto da mesma entrada, vista aproximadamente de sul, observando-se dois blocos de xisto com gravuras assinalados com círculos negros): a laje n.º 2, representada nas fotos 12 e 14; e, abaixo dela, uma outra laje com covinhas picotadas (laje n.º 4). Esta, por motivos óbvios (não se encontrava próximo da superfície, e a sua remoção poderia desestabilizar toda a estrutura) foi conservada “in situ”



Foto 25 – Laje com gravuras de tipo fusiforme ou afim, obtidas por abrasão (laje n.º 5). Localizava-se na zona do chamado “átrio” (?), para norte da área escavada (ver foto 27). Repare-se que, para além dos motivos principais, se encontram muitos outros pequenos traços, paralelos ou oblíquos entre si. Trata-se da única laje gravada que apresenta esses sinais numa das faces maiores, e não lateralmente

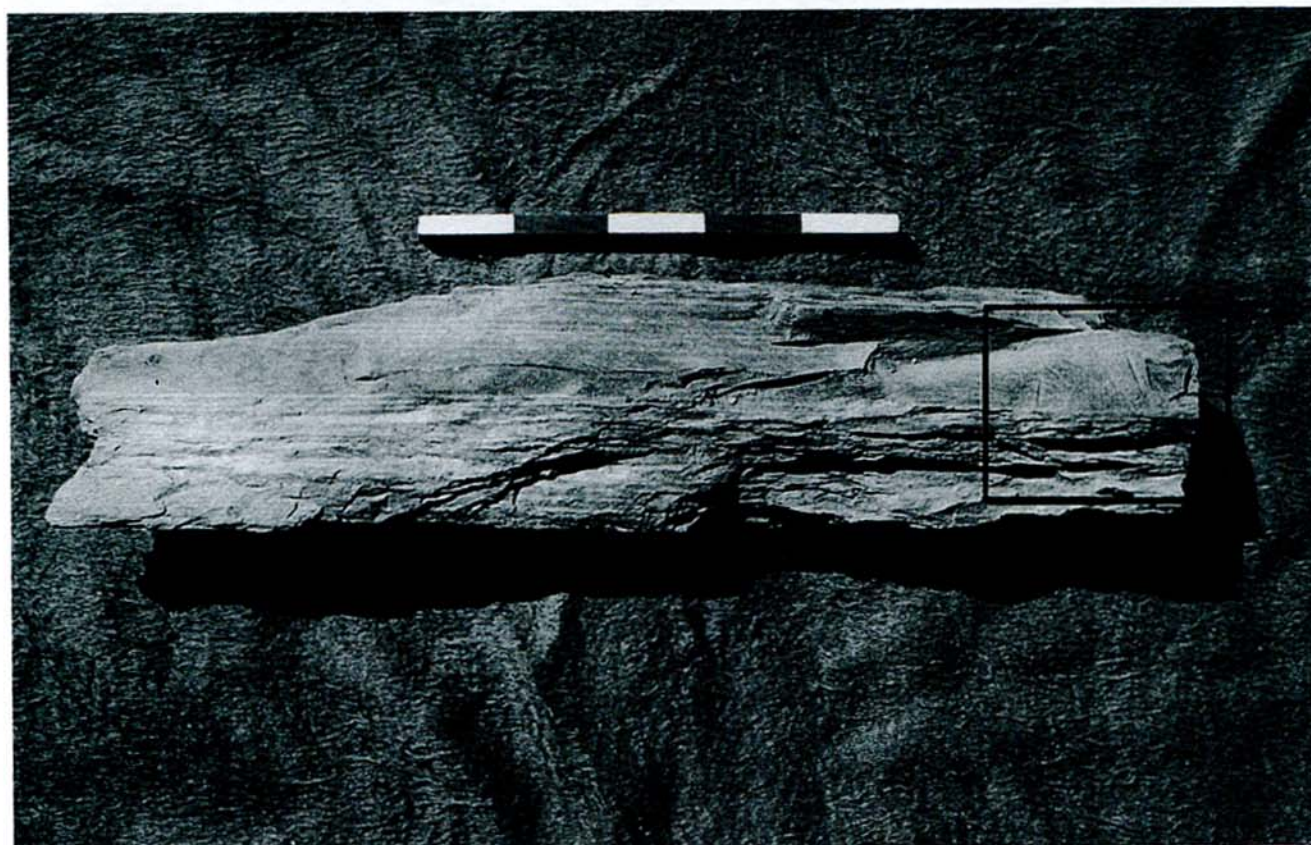


Foto 26 – Laje anterior, com a área gravada assinalada (extremidade sul da mesma laje)

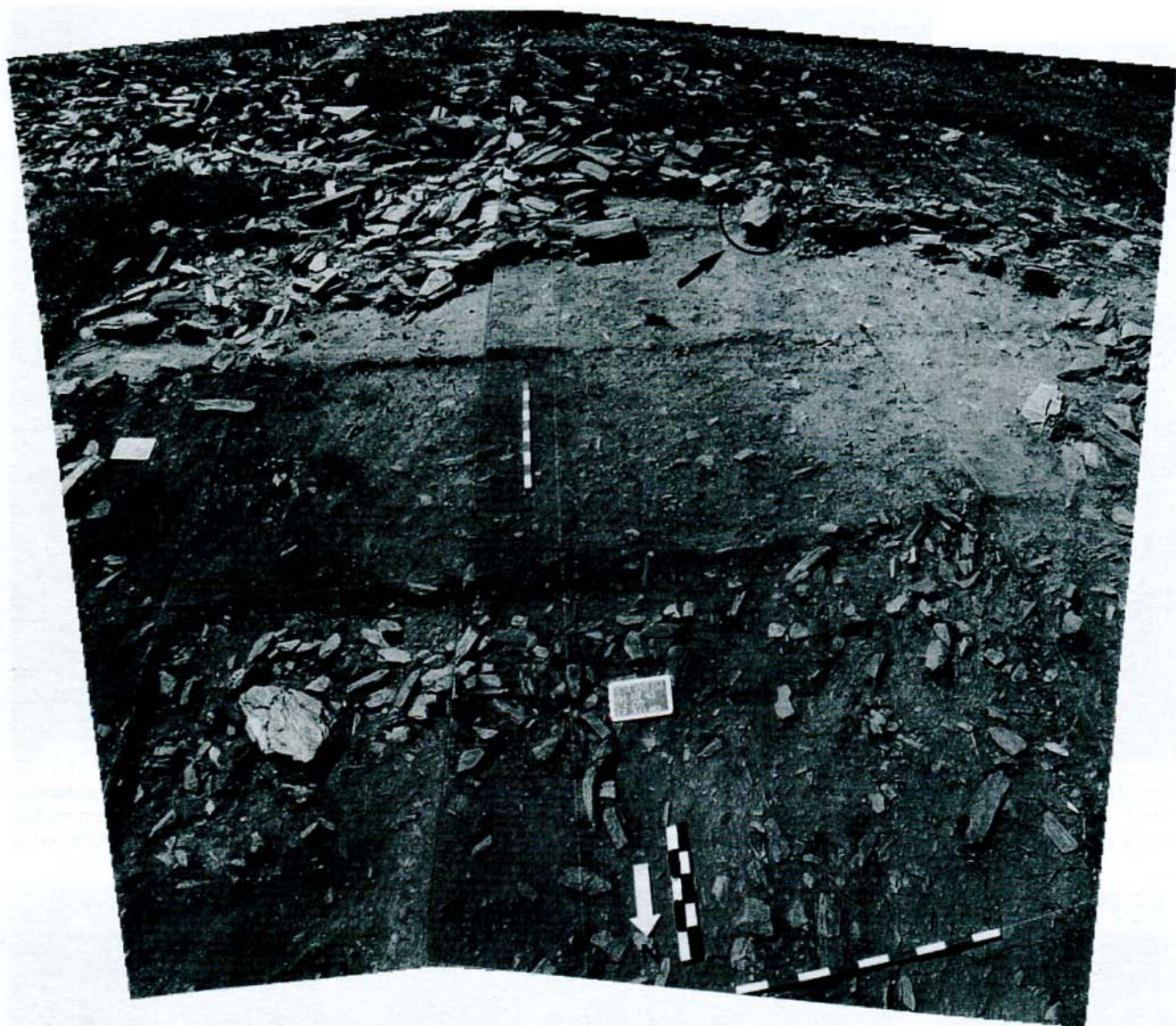


Foto 27 – Localização da laje anterior na área do chamado “átrio” (zona norte da área intervencionada)



Foto 28 – Aspecto da estação no fim dos trabalhos (inícios de Agosto de 2002), vendo-se parte da “muralha” (M), a porta monumental leste (PM), e os “bastiões” D e C (este parcialmente coberto de gravilha). Ao fundo, elevações situadas para NW da estação, e que vão culminar no alto da Senhora do Viso



Foto 29 – Vista aérea do topo da estação (área mais monumental e mais conservada; nota-se aliás o extraordinário impacto da agricultura para sul – pomar – P – e para noroeste), tomada de helicóptero, em Setembro de 2002 (foto Danilo Pavone). A, B, C, D – “bastiões”. Rodeada por um círculo – área monumental (AV-“avançado”?) que se pretende escavar em 2003